

# Caminhos da redução fenomenológica - transcendental (Kern)

2º Bochm e Fluck (Hans. VIII e Die Spätphilosophie Husserls ...)

1) Caminhos cartesianos 2) Caminhos sobre a psicologia intencional

3) Caminhos sobre a crítica das ciências positivas e 4) Caminhos sobre a ontologia

3 e 4 complementam o ref.º Kern

em H. não se encontram nitidamente separados.

1) Caminhos cartesianos:

a. Ideia de uma filosofia como de uma ciência absolutamente fundada, q̄ se constitui a partir de um princípio absoluto, (de 1 ponto originário) num proceder fundado absolutamente. O princípio consiste numa absoluta evidência, i.e. absolutamente indubitável, clara e sem exigências

b) Analisando o conhecimento do mundo transcendente resulta q̄ esse conhecimento, por princípio, não corresponde a uma exigência de um ser do mundo que subjaz a todo o conhecimento transcendente do mundo não possui uma evidência absoluta logo o filósofo deve em relação à coisa do mundo e portanto tb. em relação a todo o conhecimento mundano, seja científico, seja precientífico, usar uma epoché i.e. deve pô-lo fora de validade.

c) Reto isto pergunta-se se em absoluto existe esta um conhecimento válido, quando se põe todo o saber transcendente do mundo fora de validade. Res: o ego do suj. q̄ filosofia que é objeto do conhecimento imamente e abs.º evidente. Obtém-se o princípio absoluto.

de) o coisito tem consigo intencionalmente e neste modo, momentaneamente, ser o mesmo como coisatum. Apesar do mesmo ser não posto fora de validade, existe para o filósofo não na validade originária, mas simplesmente como coisatum que coisatum, i.e., mere "fenómeno". Assim é captada a subjetividade pura na sua inteira amplitude. Este não deve confundir-se com o homem que é mere coisatum transcendental dessa subjetividade.

Este conceito utiliza-se nas investigações lógicas §7: o princípio da unicidade da premissa das investigações gnoseológicas. Exigência de um conceito de absoluta existência. Mas é formado a nível com seu conteúdo real, efetivo, mas não o seu conteúdo intencional, o coisatum. Só o coisatum aparece na obra de 1904. Sistemáticamente utilizado em Teese der Phänomenologie de 1907. Assim se estabelece o conceito anterior da redução. No Teese der Phänomenologie permanece num certo "solipsismo"

Nas lições Grundprobleme der Phänomenologie W. Sem / 1910-11 a redução fenomenológica atinge a intersubjetividade, mas a via cartésiana, nestas lições, não desempenha papel algum.

Nas Teese I via cartésiana. Die phänomenologische Fundamentalanalyse. Não põe como p. de partida a existência de 1 absoluto início, mas a estrutura e'

Aprioricamente contingente, pois inicia-se com a "posição fora de si" da emp. no mundo; pergunta-se o que resta como se válido - e' o residuo fenomenológico.

No 2º capítulo da seção Fundamentalbetrachtungen faz-se a separação entre a unidade da essência da consciência, objeto do conhecimento invariante e enquanto a coisa transcendente "fora de toda a unidade essencial" esta com o acto (transcendente) do conhecimento. Assim a consciência (a essência da vivência) e' abrangida como uma unidade fechada. A dif. entre ambas as formas vem determinada por este confronto resumido:

1. Possibilidade de percepção invariante da vivência e impossibilidade da percepção invariante da coisa real (imaneência aqui signif. esta realidade (reelles) encerrada)
  2. uma duração fenomenal (obscuro por "medos de aparição" imutáveis ou *Abhaltungen*) da coisa real (do transcendente) e duração absoluta da vivência (do invariante) e assim não ao mesmo tempo - merec. ser fenomenal do transcendente - ser absoluto do invariante; daí resulta: 3. indubitabilidade da vivência invariante - dubitabilidade da coisa transcendente.
- Depois do 2º cap. se faz destacado a diferença entre consciência e realidade o 3º capítulo expõe que a consci. e' absoluto em face do mundo transcendente, i.e., pode inserir-se na vida real, do mundo mas não e' tomado na sua própria existência; enquanto a coisa transcendente, como se invariante intencional esta sempre para a consciência actual.

conclusão: depois da impugnação do mundo transcendente  
deus admette "o campo subterro da comunicação absoluta".  
É o que resta como núcleo fenomenológico formado. Este  
núcleo enuncia em si a transcendência mundana como  
conclato intencional.

Condições contextuais na "Exerte Philosophie II"

Como princípios condutores procurei Hummel o princípio da  
evolução absoluta ou adequada para o início absoluto  
(nódo de argumentação) da filosofia.

A crítica da exp. do mundo foi em evidência o  
caráter inadequado do princípio deste mundo, e assim  
introduz o mundo na "substância universal" da redução  
fenomenológica. (p. 68)

Perguntas tipicamente cartesianas: o que se mantém  
~~e talvez~~ integral e talvez opostivo se o todo do mundo  
não existisse? (p. 69) Hummel mostra que na reflexão sobre  
o possível não se do mundo está preposto o eu com  
a sua vida como "a espera do ser porta para si mesmo, mes-  
mo se o todo do mundo não é ou está inhibiteda qd.  
tomada da posição quociente à sua existência" (p. 75). Depois  
Hummel sublinha a diferença entre eu transcendental do  
eu humano empírico mundano (p. 91).

A dif. de ~~esse~~ idee der Phänomen e Wesen não existe para o eu transcen-

dental nenhuma evidência adequada e apodictica  
 mas p[er] a exigência de submetê-lo em a uma crítica  
 apodictica, de facto nunca elaborou uma crítica. O q[ue]  
 fez foi apresentar 1 novo caminho de medição fenomenológica  
 independente - o caminho q[ue] passa pela ~~psicologia~~ psicologia.

Nas "Mest. Contes." o erro e' idêntico; evidência apodictica  
 e evidência adequada já não são considerados si'ndonimos.

Th se inicia ~~de~~ floupta com a exigência de uma evidên-  
 cia apodictica; a exp. do numero e' revelada como não sendo  
 apodictica e submetida à "senten[ça] definitiva" (§7)

Posição fundamental que fica e que errada em si o numero  
 como fundamento, e' exigida uma crítica apodictica (§8)

q[ue] e' adotada como "Problem höherer Stufe" e nunca mais  
 realizada. (§9)

Ainda nas M.C. a via centesimal não alcança a 1/  
 finalidade, a saber, o p. de partida absoluto da floupta.

Dificuldades do cartesianismo cartesiano da redução

1) A redução transcendental deixa, expor, exclusivamente o carácter de uma perda, e a consciência o carácter de residuo. Embora Husserl ao fim do cartesianismo estabeleça que o mundo não se reduz, mas está como correlato intencional do coito, no campo de investigação fenomenológica, isto não é justificado a partir isto do cartesianismo.

O mundo fica "fundamento", meramente como "fenômeno" i.e., como representação subjetiva, pois no cartesianismo está exposto no qual se encontra o que não seja "representação subjetiva" ou "representante subjetivo".

Quando H. fala do "mundo" do eu e afirma que o mundo entre coisas não é que "fenômeno" desse eu. Ora com base no motivo do cartesianismo não se pode falar da exclusão da coisa como uma utopia metódica que necessariamente deveria ter carácter provisório e mais tarde seria recuperado. H. fala da exclusão "cartesiana" da experiência do mundo e da ciência do mundo e de uma reposição em validade mas não tenta de a realizar. Dizem com razão q' nunca mais vai de espaldas para voltar a recuperar o ser do mundo.

Estas críticas apontam para um equívoco: o de considerar

O sentido da redução fenomenológica, fundamentalmente determinado pelo método do caminho contínuo. Ora o sentido autêntico da red. fenomen. transcendental não contém nada de perda ou de retorno para trás da origem do mundo de tal modo q' o fim a que o futuro deve aspirar deve ser a posição de novo em relação ao mundo, o que não alcança a via contínuo.

O combate deve tender do autêntico ser do mundo a saber o carácter da consciência como um unidade th leva a equívocos; o mundo não é 1, parte ou 1 camada da realidade total, a pequena parte física do mundo?

Haverá um comentário do problema "da exclusão do mundo" e do "mundo" da consciência. Dito no § 43 de Kinn

2.º Dificuldade Pelo caminho contínuo não se pode alcançar toda a subjectividade, seja psicológica, seja transcendental.

O caminho contínuo não alcança a intersubjectividade que 2.º H. é que exprime toda a subjectividade. Os outros sujeitos 2.º H. são dados por "Intuições" ou "Apresentações" através das quais não é em experimento como corpo (R. G. H.) E. Phil 53-54  
Ora na via contínuo o mundo - e portanto os outros q' experimento

não portar fora de validade, ou o mesmo e' mesmo "vernichtet"; o modo que fica nada tem da subjectividade alheia, por o corpo alheio pode apresentar-se na vida como subjecto valido, mas se o corpo e' anulado, th e' a subjectividade alheia; na vida continua não obtemos a subjectividade alheia como "mero fenomeno". Do p. de vista do caminho continuo e' valida a objecto a H. e' obj não alcança este pela redução, a subjectividade alheia.

Haverá falar desta consciência na Erste Philosophie II. Expõe nela um caminho novo, não continuo, cuja vantagem não a de captar a intersubjectividade transcendental e' o caminho continuo não permitia. As lições sobre Grundprobleme der Phänomenologie e' fazer desaparecer as limitações, afastam-nos do caminho continuo.

O caminho continuo não conduz à intersubjectividade. Levam' pelo menos à subjectividade propria total, que não e' apenas uma subjectividade do presente, mas th possui um passado e um futuro? Também não e'.

Se o caminho cont. por o nome "por de consideração" ou mesmo <sup>para como mudo</sup> "vernichtet" (vernichtet), então esse caminho não leva à subjectividade como conceito de consciência, e' por isso, um



presente determinam-se temporalmente e sua futura.

Hannah nas Gründ Vorlesungen e Zelen I pretende alcançar a essência da consciência em sua plena temporalidade.

Hannah tem obs. críticas de um ano 20 em que diz que negules muito por muito como chega à essência da existência (Zelen I, 468), mas prespõe-se no superamento Heit XIII 399 seq. (1929)

Na Essê Phitosophie mostra q a vida presente e futura da subjetividade não pode ser captada por uma simples redução: por 1 reflexão radical e radical transcendental só alcança a essência da vida ~~atual~~ da consciência do presente. Esta vida atual da consciência possui como horizonte o mundo no seu presente, presente e futuro. O em transcendental possui como aspecto, sob aspecto de horizonte o universo de coisas as objetividades que valem para ele e de certo modo mesmo daquelas que valerão futuramente e tem a possibilidade de se aproximar desse mundo no sentido, (Erinnerung) e expectativa (Vor-antwortung).

Este horizonte do mundo e' a essência, 24 Hannah, de possibilidade de poder alcançar um juízo transcendental do presente e futuro.

Não se deve, portanto, reduzi-lo para o infinito, para o simplesmente. (E Ph II 159)

Só alcança o juízo transcendental, p.ex. do presente quando pensarmos em captá-lo como em humanos no horizonte do presente, no seu ambiente presente e vivido intencionalmente para ele.

Por exemplo recordo-me do passeio de ontem em que fui a  
 certo lugar e vi isto e aquilo.

A minha recordação actual já captou transcendentemente  
 pela 1ª relação; porém, o conteúdo dessa recordação, a saber,  
 a minha percepção de ontem daquele lugar não é de todo  
 predominantemente como transcendental, mas apenas como o passado  
 do eu humano q' passava no mundo de ontem. Para captar  
 estes pontos como transcendental tenho de ~~forçosamente~~ exercitar  
 numa 2ª relação q' penetra no conteúdo reprodutivo  
 da minha recordação. "Se fizer assim, ao longo da cadeia das  
 minhas recordações, se me deixar conduzir de uma revolu-  
 ção que surge, sempre continuamente, até ao presente actual,  
 e se assim exercitar continuamente na série de revoluções que  
 foram despertadas a relação transcendental, então ~~exatamente~~  
 deste modo o meu passado transcendental continua até aos agora..."  
 (EPhII 85/86). Analogamente para a obtenção do futuro  
 do fluxo transcendental da vida.

Decisivo: para obter a minha vida transcendental do passado  
 e do futuro o mundo presente e futuro representa o "fio condutor"  
 necessário (EPhII, 158). E não houve mais passado e  
 futuro em que eu viva como homem th não houverá p' mais  
 vida transcendental passado e futuro.

A imutabilidade do conteúdo contido não é imediatamente  
 especialmente problemática a priori e argumentação de Heidegger  
 sobre o argumento da "Weltvernichtung": Heidegger afirma q  
 pela duração do mundo, o ser da consciência, embora ne-  
 cessariamente insatisfeito, não é forçado na sua existência.  
 A duração do mundo significa que na corrente de como certas  
 condições da experiência desaparecem, mas não se desenvolvem  
 outras vivências e condições de experiência. É certo que a exist.  
 da consciência não desaparece, simplesmente não possui  
 duração, i.e., nem passado nem futuro, mas desenvolve-se  
 no presente. O presente nem sequer tem futuro e retenção é  
 pontual e alheio ao tempo.

Heidegger talvez não se tenha dado conta de que a via  
 contida era impraticável. Há's nunca pensou a natureza  
 fenomenológica determinada pela via contida, mas introduziu  
 outros elementos não contemporâneos

### 3ª Dificuldade

O comitê dos conteúdos falhou na sua pretensão de um p. de partida absoluto do filosofar

Assim em Die Idee -- e Tolcent a subjetividade que se alcança pelas via conteúdos, pretende a evidência absoluta, Em Erste Ph. II e Met. Contes deixam essa pretensão e adsem a prova da duração absoluta, "bis aut' ulterius". Já por isso se revela absurda a ideia cartesiana.

O princípio absoluto da filosofia também se parte como não absoluto e mesmo potentemente não se revela apodítico, pois o exist como temporal, não possui nenhum conteúdo absoluto empírico cientificamente.

A subjetividade da evidência que pelo comitê dos conteúdos devia existir no princípio da filosofia, significa indubitabilidade absoluta ou apoditicidade (M. C. 51/56). Os th adequação absoluta na medida em que se identificam existência adequada e apodítica. As M. Contes não admitem esta identidade.

Seg. Hummel é subintrinsecamente ao conteúdo do passado e do futuro de cada conteúdo de vivências não se pode falar de evidência apodítica (H. VIII Bül XXXIII 1489; M. C. 67). <sup>pois a realidade</sup> ~~so a forma~~ temporal e o aguardar empírico. So a forma temporal da ~~contida~~ das vivências (forma do passado e do futuro) possui apoditicidade. Para o conteúdo apodítico importa apenas o auto presente conteúdo vivo (~~detido~~ - lebendig - ständige Selbstgegenwart)

O que é esse parente vivo fluente (lebendig-stromende Gegenwart)?  
 Com ele não tenho a intencionalidade da minha vida "interpretando  
 o meu próprio eu - como eu que sou e não sou apenas a  
 minha vida vivida, mas o infinito das intuições meu poder  
 e assim da minha vida potencial". Como conteúdo desse  
 parente vivo não tenho a minha subjetividade concreta, nem  
 a minha subjetividade concreta do presente, por isto é apenas  
 como a identidade que já vivia no passado. A subjetividade con-  
 creta é só na sua parente apenas algo exposto (mediado) pelo  
 lebendig-stromende Gegenwart.

É o lebendig-stromende Gegenwart uma vivência (do ser) captável  
 apodicticamente? O último H. nega-o. Resumo que uma vivência  
 ao longo da sua duração tenha uma certa imutabilidade, sua  
 vivência não é, <sup>(kein seiendes)</sup> vivência de ser, por a sempre instável, nunca  
 pode ser evidência <sup>conclusiva</sup> do ser. Por ao ser das vivências pertence  
 possibilidade de voluntária fixação na recordação (107. Deleuz nota posterior)  
 a que subjaz, por primeiro a possibilidade do engano.

No capítulo parecem restar os momentos apodicticos: a sua  
 forma temporal, a sua existência, a sua relação intencional ao  
 solo objecto e ao eu solo individual, bem como o duplo polo do  
 eu. Nenhum conteúdo é absoluta q a fenomenologia como  
 teoria universal da experiência nunca em si, é absolutamente  
 dado. "O conhecimento e especialmente o conhecimento científico

seria absoluta satisfatória se e tanto quanto tivesse por finalidade  
 o conteúdo objetivo absoluto na apodicticidade decorrente de  
 uma obrigação simultânea de um conteúdo apodictivo. Mas  
 nenhum conhecimento factual — nada nem mesmo e nenhum  
 fenom. — subjetivo e' desta espécie. Nenhum ser temporal e'  
 cognoscível apodicticamente; não apenas para nós, mas porque  
 em si mesmo cognoscível apodicticamente e' impossível. E' no  
 fim de contas a temporalidade que impossibilita o conhecimento  
 apodictivo da essência subjetiva de seu conteúdo.

## O caminho para a natureza, passando pela ontologia

(Krisis; Lebenswelt)

Forma a seção A de "Krisis"

Em 3 momentos sucessivos de H. com a subjectividade transcendental

1º momento: §§ 28 a 32. e na a edição de Kant

Fala H. da "Extensividade" e "superficialidade" da consideração objetiva, natural do mundo e apresenta a subjectividade do momento anterior numa modalidade singular, faz em si permanentemente um mundo ~~para~~ da validade de ser (Seinsgeltung), como um domínio de "1.ª nova dimensão" (H. 115, 120, 123) que H. em contraposição à "dimensionalidade dupla" da vida natural objetiva do mundo se indica como "dimensão profunda" ou "terceira dimensão", nem em todo caso a pertencem realmente (i.e. meta-  
oramente).

2º momento: §§ 33 a 42. Considera em 1.º lugar "O problema do modo de ser do mundo da vida" (p. 125) como problema parcial do problema geral de uma fundamentação completa das ciências objectivas; repete então este problema do âmbito do problema para o tratar independentemente, reconhecendo finalmente que este não se trata de um problema parcial, mas de um problema filosófico universal que inclui conjuntamente a ciência objectiva como fundamento no mundo da vida.

Procura depois pelo modo de *Wissenschaftlichkeit* em que pode ser descrito o problema do mundo da vida e mostra, com esta intenção, que a ciência objetiva, a q̄ a *Wissenschaft* th. pertence não consegue, por princípio captá-lo (§34)

Para libertar o problema do ser do mundo da vida de in-  
 terferências arbitrárias (p.137) i.e' para "não deixar substituir pelo  
 ente no sentido da ciência objetiva onde está em causa,  
 o ente do m. da vida" (p.129) exige Hus. uma época relativa à  
 realização do conhecimento das ciências subjetivas (§35)

Esta época tem aqui exclusivamente o sentido de uma  
 renovação perante uma *Metabasis*

Depois H. procura as estruturas aprioricas, ontológicas e fenomenol-  
 ógicas do m. da vida e da experiência de si e falar de dois modos  
 fundamentais possíveis de fazer tema'tico o m. da vida: 1- partindo  
 da atitude objetiva natural e ímplica para o ontologicamente objetivo  
 e 2- partindo da atitude reflexiva conseqüente para o como das  
 modos subjetivos de doação do m. da vida (§38). Esta segunda  
 atitude repone, sobre uma viagem total de interesse e o em  
 tema, avança o m. da vida na sua estrutura ontológica; este, por  
 esta em correlação com a vida elaborante universal em que o  
 mundo se realiza, i.e', a partir da qual o mundo ~~é~~ como  
 correlato de uma universalidade investigável de *formae cogitab*  
 simultaneamente ganhar o seu sentido de ser e o seu universal de ser.



Esta atitude é a fenomenologia transcendental.

H. falar nas exigências internas e afirma que essa investigação não se pode concluir no terreno da atitude natural: o sujeito e a validade da ~~consciência~~ consciência é constitutivo do mundo não pode, na atitude natural, que presuppõe intencionalmente o sujeito e validade do mundo, ser entendido. É necessária uma atitude universal relativa à execução <sup>intencional</sup> das validade do mundo. (§39-40)

A nova atitude está entre a ~~obscureza~~ presença da validade do mundo e entre a vida universal da consciência (individual e intersubjetiva) onde o mundo é para as intuições verdes de

Terceiro momento = §43-55 inicia-se com uma crítica do caminho cartesiano (§43) e denuncia imediatamente o novo caminho